

ASPECTO E ESTRUTURA DE EVENTO NAS NOMINALIZAÇÕES DO PORTUGUÊS DO BRASIL: REVENDO O CASO DAS NOMINALIZAÇÕES EM *-ADA*

Aspect and Event Structure in Brazilian Portuguese Nominalizations: Reviewing the Case of Ada-nominals

Alessandro Boechat de Medeiros*

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho se propõe a analisar as nominalizações em *-ada* que ocorrem em construções com o verbo leve *dar* e derivam de verbo da língua. Ou seja, tratarei do seguinte:

- (1) a. João deu uma *dedetizada* no apartamento.
- b. Pedro deu uma *lida* no documento.

Em ambas as sentenças, o que serve de base à nominalização em *-ada* são os radicais dos verbos *dedetizar* e *ler*, e normalmente entendemos que tanto a *dedetização do apartamento* quanto a *leitura do documento* foram descuidadas ou incompletas. Isto sugere, segundo Scher (2006), que nominalizações como estas denotam eventualidades de alguma forma diminutivizadas. Além disso, os sujeitos das duas sentenças – os sujeitos do verbo *dar* – são interpretados como agentes dos eventos denotados pelas

* UFRJ.

nominalizações ou por seus verbos de base; já os complementos da preposição “em” são tradicionalmente tomados como tema (ou outro papel temático) da nominalização ou do verbo de que elas derivam.

Nas seções que se seguem desafiarei alguns pontos da descrição apresentada no parágrafo anterior, tanto no que concerne à interpretação atribuída à nominalização, quanto no que diz respeito à interpretação dos outros elementos das *construções com verbo leve* – CVLs, nos termos de Scher (2004, 2005) – de que a nominalização faz parte.

Os objetivos básicos deste texto são: (a) estabelecer a estrutura morfossintática das nominalizações em *-ada*; (b) entender como tais nominalizações interagem com o verbo leve *dar* e os outros constituintes que compõem a CVL. Para alcançar tais objetivos usarei o arcabouço teórico da Morfologia Distribuída (HALLE; MARANTZ, 1993 e MARANTZ, 1997).

O texto tem a seguinte organização. Na seção 2 discuto várias características importantes das nominalizações em *-ada* investigadas no artigo e formulo algumas questões que qualquer análise destas formas deve responder. Na seção 3, apresento as propostas de Scher (2006) e aponto alguns problemas para elas; aproveito, então, para propor, baseado em Ippolito (1999), estruturas morfossintáticas para as nominalizações em *-ada* discutidas na seção 2. A seção 4 trata da nominalização na CVL, e busca uma razão – na CVL, e não na estrutura morfossintática da nominalização – para a típica interpretação “diminutivizada” (SCHER, 2005) ou “atenuada” (BASÍLIO, 1999). A seção 5 conclui o trabalho com uma breve discussão sobre as nominalizações em *-ada* na classificação de Grimshaw (1990).

2. A RESPEITO DAS NOMINALIZAÇÕES EM *-ADA*

2.1 OS DADOS

No que diz respeito às propriedades lexicais dos verbos de base, os autores que tratam ou trataram do tema (SCHER, 2004; LISBOA de LIZ, 2007) concordam que verbos estativos (*saber, conhecer, possuir, ter, parecer*, etc.), incluindo-se aqui os verbos psicológicos do tipo sujeito-experienciador (*amar, odiar, adorar, gostar*, etc.), não derivam nominalizações em *-ada*. De fato, alguns deles, quando ocorrem em tais nominalizações, são interpretados como atividades. O exemplo a seguir o mostra:

(2) Após chegar ao topo da montanha, João deu uma boa *admirada* na paisagem.

A sentença (2) denota uma atividade: um giro de cabeça de João varrendo toda a extensão da paisagem, por exemplo, e não um estado (psicológico) ou propriedade do mesmo, como em (3):

(3) João admira seu pai.

Entre os *accomplishments*, verbos que fazem parte de predicados de criação ou consumação/extinção (*construir, fazer, criar, destruir, comer, beber*, etc.) não são muito felizes nas nominalizações em *-ada*¹, em especial os verbos de criação, cuja restrição de uso é ainda mais forte^{2,3}. Aparentemente, dentre as classes de Vendler (1967), a mais produtiva, ou com menos restrições de uso, é a das *atividades*, ou seja, predicados dinâmicos sem ponto final inerente (SCHER, 2004).

Quanto a outras propriedades das nominalizações em *-ada*, Scher (2006) considera que as eventualidades denotadas por essas nominalizações são *diminutivizadas*. Por isso, para esta autora, o que elas referem são eventos incompletos, atividades realizadas com descuido ou “atenuadas” (cf. BASÍLIO, 1999). Observem-se os exemplos (4)-(5) abaixo:

(4) a. João deu uma *lida* no livro que estava na mesa da sala.

b. João *leu* o livro que estava na mesa da sala.

(5) a. A empregada deu uma *varrida* na sala.

b. A empregada varreu a sala.

¹ Isso não quer dizer que não sejam usados. Talvez devêssemos dizer que são pouco usados e não universalmente aceitos. Para se ter uma ideia do que estou dizendo, encontrei os seguintes exemplos em sítios de busca:

a. Eu acordei depois e **dei uma comida no** bráuni que a justa anfitriã fez especialmente pra nossa galera.

Disponível em: <desceglamourosa.blogspot.com/2007_10_01_archive.html>.

b. Ficou tão fofo que até **deu uma destruída na** hora de desenformar... e mesmo assim ficou delicioso! Levei na minha sogra e todos aprovaram.

Disponível em: <www.tudogostoso.uol.com.br/comentarios.php?cod=12746>.

² Procurei no em sítios de busca ocorrências de nominalizações em *-ada* com os verbos *construir, criar* e *fazer*, mas não encontrei nenhuma.

³ Scher, Lisboa de Liz, etc., dizem o mesmo a respeito dos *achievements* em geral (*??ganhada na corrida, ??alcançada no topo da montanha*, etc.). Entretanto, é possível encontrar muitos contraexemplos para essa afirmação em sítios de busca, contraexemplos que não causam estranheza nenhuma:

a. *Uma morrida*, de leve. “A gente tem que morrer tantas vezes durante a vida... Eu tinha ido bem ali dar *uma morrida*, mas já voltei...”

Disponível em: <sabortangerina.blogspot.com/2009/02/uma-morrida-de-leve.html> - 74k ->.

b. *God of War 3... pode tentar dar uma alcançada* na engine dos jogos atuais, e caprichar o maximo nas histórias! Fazer inimigos interessantes... e tals!

Disponível em: <www.snk-neofighters.com/forum/lofiversion/index.php?t34634.html> - 32k ->.

Os pares acima envolvem as atividades de *ler* e *varrer*. Das sentenças (a) costumeiramente entendemos que o livro foi, muito provavelmente, folheado com descuido, ou que o João leu-lhe somente algumas páginas, e que a sala não foi varrida completamente ou foi varrida sem muito cuidado. Nas sentenças (b) a interpretação normalmente atribuída é a de que o João leu o livro *todo* e a sala foi completamente varrida.

As observações feitas até o momento não se restringem aos verbos inergativos e transitivos, como os exemplos acima podem sugerir:

- (6) a. O trabalho *melhorou* com aquelas lições extras.
- b. O trabalho deu uma *melhorada* com aquelas lições extras.

No que diz respeito à *diminutivização* da eventualidade em questão, o que se observa em (4) e (5) é observado também nas sentenças em (6): a mudança de estado denotada pela sentença (6b) é tal que, de alguma forma, pode ser interpretada como “menor” ou “menos importante” que a mudança de estado denotada pelo verbo *melhorar* em (6a). A novidade interessante sobre as nominalizações em *-ada* derivadas destes verbos é que elas parecem refletir a alternância causativo-incoativa que os verbos de base permitem:

- (7) a. O trabalho deu uma *melhorada* com aquelas lições extras.
- b. O Pedrinho deu uma *melhorada* no trabalho depois daquelas lições extras.

As nominalizações em *-ada* derivadas de verbos de alternância causativo-incoativa podem ainda ocorrer em sentenças em que o verbo *dar* não tem sujeito, e nas quais o DP que refere a entidade que passa pela mudança de estado denotada é complemento da preposição “em” ((a) e (c) abaixo). A interpretação de tais sentenças é bastante próxima a da “versão incoativa” das nominalizações em *-ada* derivadas dos mesmos verbos, como vemos em (b) e (d) a seguir:

- (8) a. Por conta do acidente, deu uma *entortada* na roda da bicicleta.
- b. Por conta do acidente, a roda da bicicleta deu uma *entortada*.
- c. Hoje deu uma *melhorada* no tempo.
- d. Hoje o tempo deu uma *melhorada*.

Às sentenças (8a) e (8c) é possível acrescentar um causador ou agente⁴, como sujeito do verbo leve *dar*, ainda que, ao contrário dos exem-

⁴ Por exemplo,
João deu uma *entortada* na roda da bicicleta.
São Pedro deu uma *melhorada* no tempo pra gente.

plos em (1), isso não seja necessário para que a sentença seja aceitável. Comparem-se (8a) e (8b) com as sentenças em (9):

- (9) a. *Deu uma *varrida* na sala.
 b. *Deu uma *revisada* nos documentos.

Em (9) vemos que os verbos que são exclusivamente transitivos/agentivos – ou seja, que não estão sujeitos à alternância mencionada anteriormente –, não permitem a formação de sentenças sem sujeito como as mostradas em (8).

2.2 QUESTÕES DE ANÁLISE

Os exemplos das subseções anteriores sugerem muitas perguntas. Abaixo, formulo as que julgo importantes para qualquer análise que trate do tema.

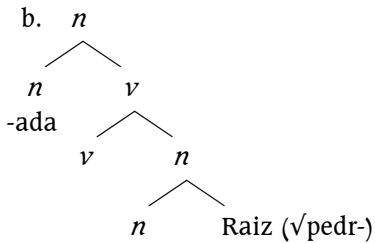
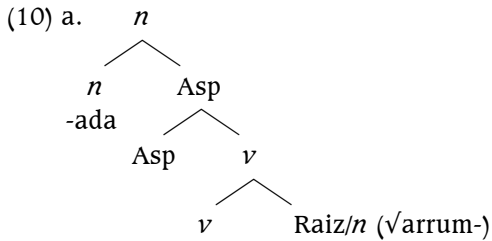
- 1) Que restrições ou propriedades semânticas licenciam ou impedem verbos de ocorrer em nominalizações em *-ada*?
- 2) Qual é a estrutura morfossintática dessas nominalizações e como essa estrutura determina sua interpretação?
- 3) Que relação há entre os DPs das sentenças apresentadas acima e o verbo “dar”? O DP no sintagma preposicional “em X” é, de fato, um “complemento” da nominalização em *-ada* (ou do verbo do qual ela deriva)?
- 4) Qual ou quais as interpretações que o verbo “dar” recebe no contexto destas nominalizações?

O objetivo deste trabalho é responder a essas perguntas. Como já mencionado na introdução, usarei o arcabouço teórico da Morfologia Distribuída para fazê-lo, por razões que extrapolam os objetivos deste artigo.

3. MORFOSSINTAXE DAS NOMINALIZAÇÕES EM *-ADA*

3.1 AS PROPOSTAS DE SCHER (2006)

Dentro do quadro teórico da Morfologia Distribuída e, em particular, baseada em Marantz (2001) e Arad (2003), Scher (2006) propõe que haja pelo menos duas estruturas sintáticas para as nominalizações em *-ada*. As árvores abaixo ilustram a proposta:



O esquema em (10a) procura dar conta das nominalizações em *-ada* derivadas de verbo, enquanto o esquema (10b) procura dar conta das nominalizações derivadas de nome (*pedrada*), de que não tratarei aqui.

A árvore (10a) trata das nominalizações em *-ada* que são derivadas de verbos existentes na língua. Nelas há um núcleo aspectual. Esse núcleo aspectual seria o responsável pela interpretação diminutivizada da eventualidade denotada pelo verbo mais interno à nominalização. Scher (2006) assume que o verbalizador envolvido em (10a) é muito provavelmente diferente daquele envolvido em (10b), por duas razões: a) o verbalizador de (10a) tem que criar uma eventualidade compatível com os traços diminutivadores do núcleo aspectual mais alto, enquanto o verbalizador de (10b) não, uma vez que as eventualidades representadas ali não são interpretadas como diminutivadas⁵; b) há evidências de que o verbalizador em (10b) nem sempre é nulo (vejam-se os sufixos *-ejar*, *-izar*, *-ear*, etc. e os prefixos *es-*, *α-*), enquanto o envolvido em (10a) sempre é nulo.

Voltando ao núcleo aspectual em (10a), a autora assume que ele é foneticamente nulo, mas que pode ser realizado por um expoente específico; é o caso das sentenças abaixo:

- (11) a. Pedro deu uma *lidinha* no livro.
 b. Maria deu uma *varridinha* na sala.

⁵ A nominalização em *-ada*, neste caso, denota um evento pontual.

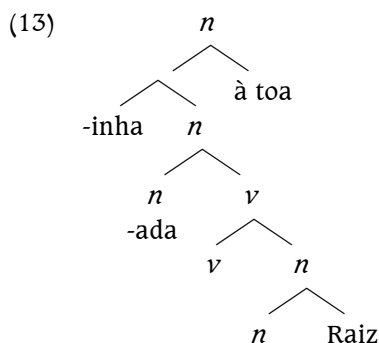
Scher (2006) propõe que, nesses casos, o sufixo diminutivo (*-inha*) realiza fonologicamente o núcleo aspectual. Nos termos da Morfologia Distribuída, isso significa dizer, se compreendo a ideia, que o item de Vocabulário associado ao sufixo diminutivo é inserido no feixe de traços diminutivizados do núcleo aspectual em (10a). Essa proposta se justifica porque, segundo a autora, não há diferença semântica entre *lida* e *lidinha* – em ambos os casos temos uma eventualidade diminutivizada.

O sufixo diminutivo levanta uma questão interessante para as nominalizações em *-ada* do tipo (10b). Segundo Scher (2006), diminutivizá-las só é possível no contexto de algumas locuções, como *de nada* ou *à toa*. Nesses casos, o sufixo diminutivo contribui com uma interpretação específica, a de *sem importância*, e não a de evento mais curto, que é a interpretação típica atribuída pela autora às nominalizações em *-ada* do tipo representado em (10a).

Diferentemente da posição assumida para casos como *lidinha* e *varridinha*, o morfema diminutivo nos exemplos abaixo

- (12) a. João deu uma *marteladinha* *à toa* na cabeça do ladrão
 b. Marcos deu uma *pedradinha* *à toa* no muro

é combinado acima do nominalizador mais alto na estrutura. A proposta é mostrada no esquema a seguir. Aqui, a locução *à toa* licencia a presença do diminutivo.



Scher (2006) crê que, sempre que estiverem presentes as locuções “de nada” ou “à toa”, a diminutivização é mais alta, como em (13), tomando toda a nominalização (incluindo-se aqui as nominalizações do tipo [10a]), com uma interpretação específica: em vez de termos uma eventualidade diminutivizada, a leitura é a de evento *sem importância*.

3.2 PROBLEMAS DA PROPOSTA DE SCHER (2006)

Nesta seção, gostaria de enumerar alguns problemas do conjunto de propostas de Scher (2006) que expus acima:

- 1) Não é muito claro que as nominalizações em *-ada* denotem sempre eventos diminutivizados. Muitas delas, na verdade, são os nomes das atividades relacionadas aos verbos de base. Não há, por exemplo, outra nominalização (**tragação*, **tragamento*, **tragadura*, **tragância*, etc.) para o verbo *tragar* a não ser a palavra *tragada*. O mesmo vale para verbos como *caminhar* (**caminhação*, **caminhamento*, **caminhadura*, **caminhância*, etc.), *correr* (*?correção*, *?corrimento*, **corredura*, **corrência*, etc.), entre muitos outros⁶.
- 2) Supor que existe um aspecto diminutivo no substantivo leva Scher (2006) a propor que o sufixo *-inha* realize, quando ocorre, tal núcleo aspectual. A autora justifica essa ideia afirmando que não há diferença entre, por exemplo, *corrida* e *corridinha*, estando o segundo em contextos em que não ocorrem as locuções mencionadas na seção anterior. Entretanto, as perguntas que ficam são: a) Como pode haver essa alternância entre os itens de Vocabulário Ø e o diminutivo /inh/ realizando o mesmo núcleo aspectual (os mesmos traços) no mesmo ambiente sintático? b) Não há uma evidente diferença entre *corrida* e *corridinha*, com a segunda podendo ser usada em contextos em que se supõe que o caminho a ser percorrido, ou que o tempo levado por essa atividade, é ainda mais curto que um caminho ou tempo tomado como referência na “*corrida*”?
- 3) Supor que existe um núcleo diminutivizador, com a função que a autora lhe dá (detelicização), dentro da nominalização em *-ada* me parece criar alguns problemas para os seguintes casos, alguns encontrados em sítios de busca: (a) *João deu uma boa lida no livro e achou-o excelente*; (b) *...uma iteração consiste em uma “varrida” completa da rede...* (Disponível em: <www.lattice.ifsc.usp.br/CADSCO3/curso.pdf>. Acesso em: 25/05/2007); (c) *Chaves: varro o pátio por 50 cruzeiros. D. Florinda: Ok, mas*

⁶ Coloquei pontos de interrogação antes das palavras *mordedura* e *corrimento* porque, apesar de existirem no vocabulário do português, elas têm um significado especial, que se distancia um pouco do do verbo. Por exemplo, *corrimento* denota normalmente algo líquido ou viscoso que mina de algum lugar.

tem que varrer bem, hein! Chaves: Nada disso! A varrida completa é o dobro! hahahahhahahahaha (Disponível em: <www.netc.com.br/video/hf19cXX_zhc/chaves-as-bombinhas-2-parte-.html>. Acesso em: 25/05/2007). Nos casos (a), (b) e (c) não me parece que as eventualidades denotadas pelas nominalizações em *-ada* sejam interpretadas como incompletas ou descuidadas. Assumir, pois, que existe um núcleo aspectual diminutivizador, com a função que Scher (2006) lhe dá, dentro destas nominalizações nos levaria a supor que os adjetivos *boa* e *completa* cancelem de alguma maneira o efeito deste morfema. Mas como isso acontece? E por que usar uma forma diminutivizada para depois cancelar seu efeito com um adjetivo?

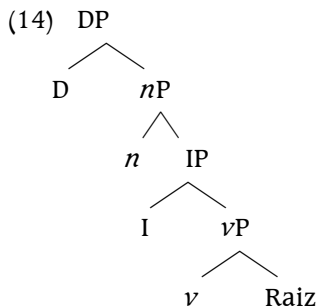
Esse conjunto de considerações me leva a buscar outro caminho de análise, ainda que levando em conta os achados essenciais de Scher (2006) a respeito dessas construções.

3.3 PROPONDO ALTERNATIVAS

Segundo Ippolito (1999), que também segue o arcabouço da Morfologia Distribuída, as nominalizações em *-ata* italianas ou derivam de raízes associadas a verbos existentes na língua italiana ou derivam de raízes associadas a nomes. As interpretações de ambas são bem próximas das encontradas no português, ainda que haja algumas diferenças gerais entre elas⁷.

Para essa autora, a estrutura associada a esses dois casos é a mesma. Na proposta há um núcleo aspectual que licencia o verbalizador que as duas apresentam – verbalizador esse que, como na proposta de Scher (2006), é responsável por contribuir com o componente eventivo do significado da nominalização. Observe-se o esquema abaixo:

⁷ Por exemplo, a construção *-ata* com raízes de nomes de grupos humanos tem uma interpretação eventiva, de ação ou atividade tipicamente realizada por aquele tipo de humano denotado pela raiz – ao contrário do português, cuja interpretação é próxima a de coletivo ou agrupamento. Em *americanata* a interpretação é a de “ação tipicamente realizada por americanos”. Outra coisa importante: as nominalizações em *-ata* no italiano podem ser usadas com o verbo *fare* e *dare*, enquanto no português só podemos usar o verbo *dar*. Curiosamente, quando a nominalização em *-ata* é derivada de um verbo transitivo, o verbo *dare* é selecionado; quando é derivada de um verbo intransitivo, o verbo *fare* é selecionado. Isso faz com que trabalhos como Samek-Lodovici (2003), orientando-se por teoria desenvolvida em Levin e Rappaport (1995), proponham que haja uma espécie de superposição de posições argumentais dos verbos de que derivam as nominalizações e os verbos leves correspondentes, usados com elas nas CVLs. A nominalização, neste caso, ocuparia uma das posições criadas pelo templatado de estrutura de evento do verbo leve (*dare* ou *fare*); o argumento (ou argumentos) do verbo interno à nominalização ocuparia(m) as outras posições criadas por este templatado, mas com papel temático atribuído pelo verbo de base da nominalização. Não discutirei essa proposta mais a fundo.



Na árvore (14), a raiz combinada ao *vezinho* cria um verbo que, concatenado ao núcleo aspectual rotulado por I tem a interpretação de evento télico – o núcleo aspectual tem traços que fazem com que a eventualidade denotada pelo “verbo” mais encaixado tenha, pois, um ponto final, um telos. Esse evento télico é então nominalizado pelo núcleo *n*.

Uma vez que essa nominalização é télica, só pode ser usada em sentenças com PPs adverbiais da forma *em X tempo*, nunca com advérbios do tipo *por X tempo*. Portanto, é possível dizer, em italiano, *gli ho dato una coltellata trenta secondi* (dei-lhe uma facada em trinta segundos), mas não **gli ho dato una coltellata per trenta secondi* (dei-lhe uma facada por trinta segundos). Do mesmo modo, para nominalizações em *-ata* derivadas de verbo, como o verbo *guardare* (olhar), pode-se dizer *gli ho dato una guardata cinque minuti* (dei-lhe uma olhada em cinco minutos), mas não **gli ho dato una guardata per cinque minuti* (dei-lhe uma olhada por cinco minutos). Gostaria de comentar, neste ponto, duas coisas bastante importantes, adiantando um pouco a discussão que virá na próxima seção. A primeira é que, em português, o uso de advérbios *por X tempo* ou *em X tempo* não parece muito feliz com casos como o do primeiro exemplo acima, em que a nominalização em *-ada* deriva de um nome de objeto sólido e denota um evento pontual. A segunda é que PPs adverbiais da forma *por X tempo* são compatíveis com CVLs cujas nominalizações em *-ada* derivam de verbos que denotam eventualidades sem ponto final inerente. Por exemplo, é possível dizer, em português, *João deu uma passeada por uma hora* (cf. SCHER, 2004, p. 92) – ou *dei-lhe uma olhada por cinco minutos*, aproveitando o exemplo dado pela autora. A meu ver, isso sugere que a noção de telicidade não deve ser parte da nominalização em *-ada* do português. De fato, como bem nota Basso⁸ (s.d), a nominalização em *-ada* é, ao contrário, normalmente detelicizada.

Ippolito (1999) também assume que, enfeixado com o traço aspectual, há um traço de gênero feminino que define o gênero do substantivo

⁸ Manuscrito não publicado. Ver referências bibliográficas.

derivado. Isso quer dizer que o IP em questão tem seus próprios traços ϕ , sem herdá-los ou copiá-los de outros elementos do ambiente, o que é uma característica dos nomes. A autora então sugere que o fato de o IP ter traços ϕ próprios *força* a combinação do IP com o *n* nominalizador. Quanto à inserção dos itens de Vocabulário, Ippolito (1999) propõe que o item /t/ (da terminação *-ata*) é um item *default* que realiza qualquer núcleo flexional mais baixo dentro de uma estrutura flexional com muitos IPs. Na proposta, qualquer núcleo flexional I que não seja diretamente c-comandado pelo complementizador C pode receber o item de Vocabulário *default* (participial) /t/. Ora, uma vez que o núcleo I em (14) não é c-comandado por C, mas por *n*, ele é candidato a receber este item de Vocabulário, o que explica sua presença na nominalização.

Quando a raiz for uma raiz tipicamente associada a verbo, teremos a interpretação de evento télico, cuja semântica especial, idiossincrática, vai ser definida pela raiz; quando a raiz é de outro tipo, por exemplo, uma raiz associada a nome que denota objeto rígido, o significado é sempre o mesmo: golpe dado com o objeto referido pela raiz.

As propostas de Ippolito (1999) apresentam algumas vantagens em relação às de Scher (2006): (a) aproximam as duas nominalizações, que de fato compartilham tantas características, e não as tratam como coisas distintas do ponto de vista morfossintático; (b) trabalham com uma noção aspectual diferente da noção de diminutivização assumida por Scher (2006), que só aparece em um dos tipos e, a meu ver, é equivocada; (c) colocam essas nominalizações em seu devido lugar – dentro da discussão geral sobre as formas participiais da língua. Quanto ao último ponto, a autora enumera as razões que a levam a assumir que não existe um sufixo *-ata*, mas sim que a sequência /ata/ traz a morfologia participial dentro dela. Os dois motivos principais são: a) nas nominalizações em *-ata* a vogal temática do verbo na forma participial é a que ocorre como parte da suposta terminação nominal (*dorm-i-ta*, por exemplo), e não a vogal /a/, como seria esperado se a nominalização fosse formada por sufixação de *-ata* à raiz verbal; b) a correlação entre participípios passados no italiano e as nominalizações em *-ata* se verifica pelo fato de haver alomorfa do expoente participial também na nominalização: por exemplo, o participípio passado do verbo *correre* é *cor-s-o*, e a nominalização em *-ata* correspondente a esse verbo é *cor-s-a*. No português, essas duas características também são observadas. Verbos cujas vogais temáticas são *-e-* ou *-i-* derivarão nominalizações com o “sufixo” *-ida*, e não *-ada*, como seria de se esperar se a nominalização fosse formada por simples sufixação à raiz verbal. Verbos cuja única forma participial é a irregular (*ver/visto*, *vir/vindo*, *escrever/escrito*) derivam as nominalizações abaixo, exemplificadas em (15). Todas as sentenças foram encontradas na internet, consultando sítios de busca:

(15) a. Conversaram por um momento, Raquel **deu uma vista** pela sala, fitando o monitor. Por um momento pensei que ela estivesse me vendo, mas desviou o olhar sem me...

(Disponível em: <www.kaparra.kaparra.nom.br/raios_de_sol.htm>. Acesso em: 25/05/2007)

b. Mudando de assunto: Aproveitei que **dei uma vinda** em casa e troquei o Destaque, o desta semana é o Blog da amiga Jamile. Passem por lá e veja (sic) como vale a...

(Disponível em: <www.carpinter.net/blog/page/4/>. Acesso: em 25/05/2007)

c. Fala galera, estou meio sem tempo mais (sic) vou **dar uma escrita** por aqui brevemente sobre o assunto PC-Chips...

(Disponível em: <www.forumpcs.com.br/viewtopic.php?t=4855>. Acesso em: 25/05/2007)

Portanto, as erroneamente chamadas “nominalizações em *-ada*” têm indiscutível relação com o particípio passado dos verbos de base. São nominalizações de participípios.

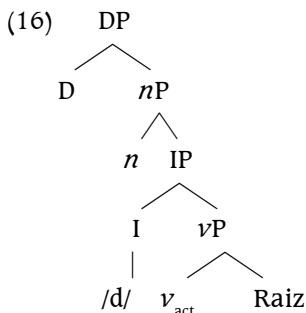
Entretanto, adaptar as ideias de Ippolito (1999) diretamente ao português, tendo em vista que, conforme apontado nesta seção, supor que os traços albergados pelo núcleo aspectual fazem com que a eventualidade denotada pela nominalização seja interpretada como télica, cria problemas para sentenças como *João deu uma passeada por uma hora*, já que, se *passeada* fosse télico, teria um ponto final inerente, e a CVL não aceitaria o PP adverbial *por uma hora*. Mesmo com esses problemas, tomarei as propostas de Ippolito como base para lidar com as nominalizações em *-ada* apresentadas até o momento.

3.3.1 QUAL É A MORFOSSINTAXE DAS NOMINALIZAÇÕES EM *-ADA*?

Vou assumir aqui que todos os verbos envolvidos nas nominalizações em *-ada* têm como um de seus componentes um *vezinho* introdutor de atividade/evento. Marantz (2006) considera que verbos de atividade simples (como *correr* ou *pular*) são monoeventivos, e resultam da anexação direta do verbalizador v_{act} (eventivo, não estativo) a uma raiz que tipicamente denota um *modo*⁹.

Minha proposta, então, será, para as nominalizações em *-ada* derivadas de verbos existentes na língua, semelhante à de Ippolito (1999):

⁹ Uma paráfrase, pois, ainda que bastante imperfeita, para o verbo *pular* é algo como “agir pulantemente”. A raiz, aqui, funciona como um modificador adverbial do verbalizador.



Em (16), vP denota uma atividade monoeventiva¹⁰, segundo propostas de Marantz (2006). O núcleo I traz traços aspectuais e é realizado pelo item participial /d/. Abstenho-me de tratar dos traços envolvidos nesse núcleo; creio, no entanto, que não tenham relação com telicidade, pelas razões já apresentadas na seção anterior. Acredito também que tenham alguma responsabilidade no fato de a essas formas nominais ser permitido que ocorram em contextos em que são interpretadas como contáveis (*ele deu duas varridas na sala*). Observe-se que esse é um dos critérios de Grimshaw (1990) para a identificação de nominais de resultado¹¹.

Na estrutura acima a condição de inserção do item de Vocabulário /d/ é a mesma estabelecida por Ippolito (1999): o núcleo I não é imediatamente c-comandado pelo núcleo complementizador C, e essa é a condição para a inserção do item de Vocabulário participial, *default*, que, no português, é /d/. Completando, v_{act} é fonologicamente nulo e a vogal temática /a/, no fim da palavra, é inserida sob o nó nominalizador n mais alto.

4. O QUE O VERBO DAR ESTÁ FAZENDO AQUI?

Nomes de eventos como *surra*, *soco*, *tiro*, *sova*, *sopapo*, *beijo*, *abraço*, *volta*, *carinho*, *trato*, etc. podem ser usados em construções com verbo *dar* bastante semelhantes àquelas em que as nominalizações em *-ada* aparecem. Todos denotam eventos que são “executados” em algum “lugar”.

(17) O bandido *deu um tiro no rapaz*.

(18) O rapaz *deu um beijo na namorada*.

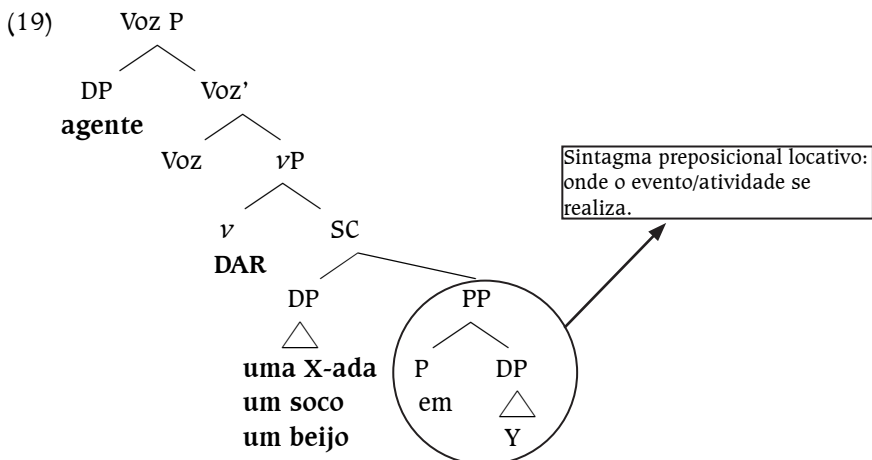
¹⁰ Assumindo a estrutura (16) acima entendemos por que verbos estativos são agramaticais nestas nominalizações (**uma amada*, **uma sofrida*, **uma odiada*, **uma sabida*, etc.). O problema é que a estrutura das nominalizações envolve um verbalizador eventivo, que introduz atividade, e não um verbalizador estativo, introdutor de estado, o qual seria compatível com as raízes destes verbos.

¹¹ Com isso, creio que dê para eliminar algumas possibilidades, como *imperfectividade/habitualidade*, por exemplo. Traços responsáveis por essas leituras não seriam albergados pelo I em (16).

Assumirei, mais uma vez seguindo as propostas de Marantz (2006), que a interpretação causativa é a leitura *default* de uma configuração específica em que há dois eventos. Suponhamos então que, quando o verbo *dar*, que introduz um evento, é combinado com uma pequena oração envolvendo um PP locativo mais baixo e um DP denotando outro evento em seu especificador, a interpretação para a estrutura toda é: um evento/atividade introduzido por *dar* causa que a eventualidade denotada pelo especificador de SC ocorra ou se desenrole *no* DP mais baixo, complemento de P. Isso explica a diferença entre, por exemplo, sentenças como *João atirou no ladrão* e *João deu um tiro no ladrão*. Na primeira sentença, João é o agente/causador de um evento, de atirar, que não necessariamente alcançou seu alvo. Na segunda sentença, o evento do qual João é agente/causador, o *tiro*, ocorre num “lugar”, o *ladrão*; portanto, o tiro não perdeu seu alvo.

Ao contrário de Scher (2004), proporei que a estrutura das construções com verbo *dar* envolvendo as nominalizações em *-ada* seja a mesma que encontramos nas sentenças (17) e (18) acima. Um argumento a favor desta proposta é o seguinte: da mesma maneira que na sentença *João deu um tiro no ladrão* o tiro não errou o alvo, na sentença *João deu uma olhada na menina* a *olhada* não perdeu seu alvo. Sentenças como *João olhou a menina, mas não a viu* me parecem bem menos degradadas que *João deu uma olhada na menina, mas não a viu*.

Assim sendo, em (19) abaixo o DP que é combinado ao PP na pequena oração (SC) é o que traz o nome do evento. Como se vê, esse nome pode ser uma nominalização em *-ada*. O PP é um sintagma preposicional locativo, onde o evento denotado pelo DP mais alto (em SC) ocorre, se desenrola. O papel do núcleo de Voz acima do *vP* relacionado ao verbo *dar* é introduzir um agente na construção. Esse agente é também o agente do evento denotado pela nominalização em *-ada*.



Nos exemplos (20) e (21) abaixo, os DPs, que aparentemente são complementos (argumentos) dos verbos internos à nominalização em *-ada* (ver as propostas de Scher a seguir), ou complementos das próprias nominalizações, são, na minha proposta, complementos da preposição locativa *em* que é parte da pequena oração em (19).

(20) Claudio *deu uma varrida na sala*

(21) Claudio *deu uma olhada nos documentos*

Uma vez que as CVLs podem ter sintagmas preposicionais locativos, proponho que, nas duas sentenças acima, os DPs *a sala* e *os documentos* sejam interpretados como “superfícies” sobre as quais as atividades denotadas pelas nominalizações em *-ada* podem acontecer. Uma inferência natural disso é que, dada a natureza da atividade, a “superfície” sobre a qual ela se desenvolve sofre uma mudança de estado compatível com tal atividade.

Uma das questões que discuti nas seções anteriores é a da interpretação diminutivizada, conforme proposta de Scher (2006), atribuída às nominalizações em *-ada*. Defendo aqui que ela não está codificada na estrutura morfossintática da nominalização. Mas, então, como explicar a intuição de que *dar uma varrida na sala* é, aparentemente, “menos” que *varrer a sala*? Minha proposta é que essa interpretação é a normalmente atribuída a essas nominalizações porque, em casos como o de (20), a extensão da sala não é necessariamente coberta pela atividade de *varrer* – ou seja, o resultado da atividade não é: *sala varrida*. O fato de o DP *a sala* não ser complemento do verbo faz com que a interpretação de *dar uma varrida na sala* não seja a de “atividade de *varrer a sala*”, onde o DP *a sala* é uma medida da atividade de *varrer*; o que (19) sugere é que a interpretação correta de *dar uma varrida na sala* seja a de “atividade de varrer que é executada na sala”¹². Podemos pensar que o tempo (duração) da atividade de *varrer* está, na CVL do exemplo (20), propriamente contido no intervalo de tempo que seria o apropriado para que a correspondente mudança de estado d’*a sala*

¹² Sabe-se, entretanto, que nem todas as construções que envolvem as nominalizações em *-ada* têm uma pequena oração como complemento do verbo leve *dar* (ver esquema (19)). Por exemplo,

i. João *deu uma nadada* hoje.

ii. Cláudio *deu uma corrida* ontem.

Aqui, temos uma situação na qual o DP “uma X-ada” é o complemento do verbo leve *dar*. Observe-se, entretanto, que nada impede o uso de um sintagma preposicional “em DP” nos casos acima – esses mais claramente locativos:

iii. João *deu uma nadada na piscina do clube*.

iv. Cláudio *deu uma corrida no calçadão da praia de Copacabana*.

Proponho que as CVLs que correspondem a (iii) e (iv) são do mesmo tipo esquematizado em (19) (ou seja, envolvendo uma pequena oração).

(de *não limpa* para *limpa*, ou de *não varrida* para *varrida*) fosse considerada completa. Nesta proposta, portanto, a interpretação “diminutivizada” ou atélica não está codificada na estrutura morfossintática da nominalização, **mas no contexto sintático (na CVL) em que ela ocorre**. Tanto é verdadeira esta afirmação que uma sentença como *João deu uma arrumação na casa* descreve, da mesma forma que a sentença *João deu uma arrumada na casa*, uma atividade de arrumar que foi provavelmente descuidada ou incompleta se comparada à descrita pela sentença *João arrumou a casa*.

Note-se que a proposta também explica o porquê de os verbos de criação serem inaceitáveis quando servem de base para as nominalizações em *-ada* (**uma construída*, **uma criada*, etc.): ora, se os DPs que estão nos PPs são “lugares” onde as eventualidades em questão se realizam ou se desenrolam, então pressupõe-se que as entidades que eles denotam já existissem antes dos eventos referidos pelas nominalizações, não são criadas pelas atividades descritas pelos verbos que lhes servem de base. Daí a típica incompatibilidade dos verbos de criação com as formas nominais aqui estudadas.

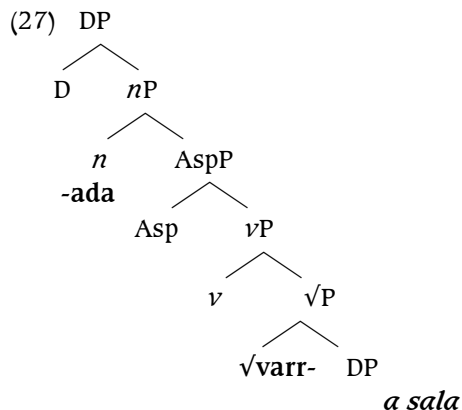
4.1 OUTRAS CVLS COM NOMINALIZAÇÕES EM *-ADA*

Venho afirmando nesta seção que na CVL o PP é locativo, e não expressa, de fato, argumentos do verbo de base da nominalização. Entretanto, existem alguns casos em que a preposição que ocorre em sentenças envolvendo uma CVL do tipo discutido aqui não é a preposição locativa *em*. Scher (2004, p. 78) menciona alguns exemplos interessantes, que reproduzo abaixo.

- (22) *Preciso dar uma ligada pra Maria.*
- (23) *Ontem mesmo dei uma conversada com o Rui.*
- (24) *Dá uma telefonada pros membros da diretoria.*
- (25) *Vamos dar uma ida ao/no shopping. Quer vir junto?*
- (26) *Eles preferiram dar uma escapada da aula.*

Esses exemplos fazem Scher (2004) propor que as propriedades seletivas dos verbos internos às nominalizações têm um papel importantíssimo em tais CVLs. Segundo a autora, quando o verbo é transitivo direto, o objeto do verbo na construção com a nominalização aparece com uma espécie de preposição *default* (para ter caso?), que é a preposição *em*. Quando, entretanto, o verbo é transitivo indireto, o sintagma preposicional selecionado por esse verbo prevalece na nominalização em *-ada*, e por isso temos as sentenças (22)-(26).

Assumir que as propriedades seletivas dos verbos têm influência na forma da CVL com nominalizações em *-ada* (ou, por outros termos, no tipo de preposição que aparece nela) leva Scher (2004) a propor que a estrutura de tais nominalizações, quando derivadas de verbos transitivos, seja como em (27):



Essa conclusão é absolutamente natural assumindo-se o arcabouço teórico da Morfologia Distribuída. Entretanto, a estrutura (27) tem a grande desvantagem de fazer com que a nominalização X-ada mais seu determinante não formem um constituinte, não podendo, portanto, o DP ser deslocado sem o complemento. Sendo assim, as nominalizações em *-ada* não podem ser, segundo essa proposta, sujeitos de frases na voz passiva, como, por exemplo: *uma boa lavada foi dada na roupa* ou *uma boa olhada foi dada nos documentos*. Essas frases não me parecem de todo ruins, ainda que Scher (2004) as considere inaceitáveis. De qualquer modo, se o DP *a sala* é complemento da raiz, como em (27), fazendo com que a nominalização não forme um constituinte sem esse complemento, como explicamos, por exemplo, as sentenças com oração relativa listadas abaixo, encontradas em sítios de busca?

(28) Já pensou, se ganharmos, *a varrida que vamos dar nesse Estado*?

(29) Pior foi *a olhada que uma mulher deu em mim*. Olhou, olhou, e olhou de novo.

(30) Em que pese *a limpada que o Rômulo deu no beque*, o gol foi contra, mesmo.

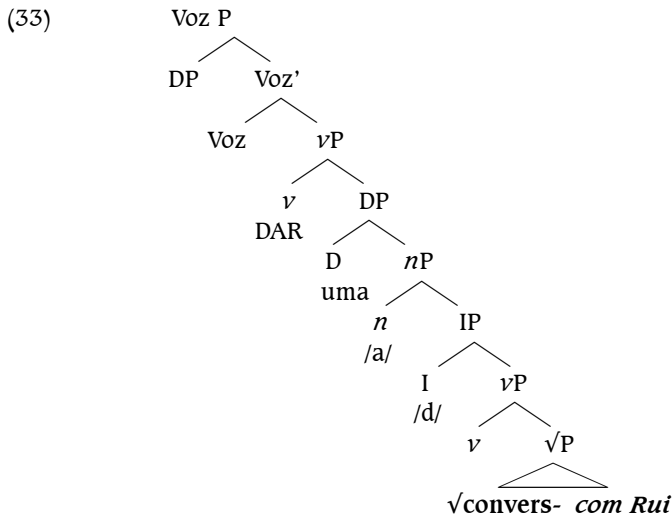
Qualquer que seja a teoria, que eu conheça, sobre como as orações relativas se formam (em particular o *modelo raising*), as frases (28)-(30) não deveriam existir, se (27) fosse verdadeira.

Por outro lado, no caso de verbos como os encontrados em (22)-(26), parece que, realmente, as nominalizações em *-ada* não formam um constituinte separado dos complementos indiretos destes verbos. Procurei em sítios de busca por algum exemplo como os de (28)-(30) que envolvesse os verbos *conversar*, *ligar*, *telefonar*, *ir (a/na)* e *escapar*, mas não encontrei nenhum¹³. Algumas pessoas a quem pedi julgamentos de aceitabilidade para as sentenças (31) e (32) consideraram-nas bastante degradadas.

(31) ??*A conversada que o João deu com o Rui.*

(32) ??*A ligada/??telefonada que ele deu pra Cláudia.*

Proporei, então, tentativamente, que nas sentenças (22)-(26), em que os verbos têm complemento indireto e esse complemento não sofre mudança de estado causada pela eventualidade denotada pelo verbo, a preposição presente não é a preposição locativa das CVLs com nominalizações em *-ada* porque o que modifica o v_{act} na nominalização não é simplesmente a raiz do verbo, mas um constituinte complexo formado pela raiz e o que é tradicionalmente chamado de complemento indireto do verbo, como se vê na árvore (33) abaixo:



¹³ Se há alguma dúvida sobre a aceitabilidade das sentenças na voz passiva acima, acho que não há dúvida de que as sentenças a seguir são inaceitáveis:

(i) **Uma (boa) conversada foi dada com o Rui.*

(ii) **Uma ligada foi dada pra Maria.*

(iii) **Uma ida foi dada ao/no cinema.*

Portanto, há uma diferença entre esses casos e os que envolvem nomes como *lavada*, *varrida* ou *olhada*, por exemplo. Todas as pessoas a quem perguntei concordam que (i), (ii) e (iii) são bem piores que os exemplos na voz passiva apresentados anteriormente.

Em (33) o sintagma \sqrt{P} combinado ao v_{act} modifica a atividade (evento) introduzida por esse v , exatamente como a raiz \sqrt{varr} modifica o v_{act} no caso do verbo *varrer*. Como se vê na árvore proposta em (33), a palavra *conversada* aqui não forma um constituinte separado do PP, e, portanto, não pode ocorrer em sentenças como as exemplificadas em (28)-(30).

Situação equivalente ocorre quando eventos genéricos são denotados pela nominalização em *-ada*. Por exemplo,

(34) *Pedro deu uma boa lavada de roupa.*

(35) *A moça deu uma bela cruzada de pernas.*

Observe-se que são inaceitáveis (ou consideradas bastante degradadas) as frases abaixo:

(36) **A lavada que o Pedro deu de roupa.*

(37) *??A cruzada que a moça deu de pernas.*

A explicação para a agramaticalidade das sentenças em (36) e (37) é a mesma dada para os casos acima, (31) e (32): os complementos *roupa* e *pernas* não estabelecem medida para os eventos de cuja denotação são parte; são constituintes do sintagma \sqrt{P} que modifica a atividade, e, por isso, a nominalização em *-ada* e o seu determinante não formam um constituinte, o que impossibilita a existência de construções com oração relativa como as mencionadas.

4.2 ALTERNÂNCIA CAUSATIVO-INCOATIVA

Para fechar a seção, observem-se as sentenças abaixo:

(38) *A roda da bicicleta deu uma entortada.*

(39) *O tempo deu uma clareada.*

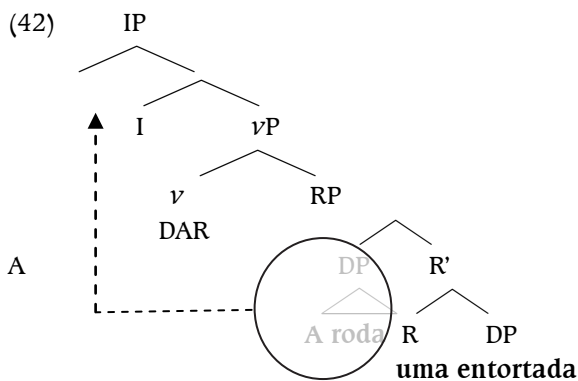
Elas parecem ser equivalentes do ponto de vista estrutural (e assim as considerarei) às sentenças logo abaixo:

(40) *O computador deu pau.*

(41) *O carro deu defeito.*

Em (40) e (41), *pau* e *defeito* denotam estados atingidos pelos sujeitos das sentenças. Nas sentenças (38) e (39), o mesmo acontece. A razão, neste caso, é que as raízes ou radicais dos verbos de base das nominalizações

em (38) e (39) denotam estados decorrentes de processos. Esta semântica especial das raízes permite que as nominalizações delas derivadas ocorram tanto em estruturas causativas, como (19), quanto em estruturas inacusativas/incoativas, como (42) a seguir:



Proponho, tentativamente, que em (42) o DP *a roda* e o DP *uma entortada* estejam relacionados por uma categoria relacionadora R, que funciona como os aplicativos baixos de Pylkkänen (2002) ou a preposição HAVE de Harley (em vários trabalhos). O DP *a roda* será alçado¹⁴ para o especificador do IP mais alto, tornando-se sujeito da sentença. O evento causador não é especificado: há algum evento, denotado pelo verbo *leve dar*, que faz com que o estado resultante a que a nominalização em *-ada* se refere vá para a “posse” do DP mais alto. A interpretação diminutivizada normalmente atribuída aqui decorre, como nos casos anteriores, do fato de o DP de cima (*a roda*) ter uma relação mediada (por R) com a nominalização, não servindo de medida para a mudança de estado associada ao verbo *entortar*.

5. CONCLUSÕES

As propostas do texto procuraram responder as perguntas (1), (2), (3) e (4) da seção 2.2. E o fizeram:

¹⁴ Por estar numa configuração em que não consegue Caso na SC. O relacionador nulo R talvez bloqueie a possibilidade de atribuição de caso a seu especificador por parte de um verbo mais alto. Ou pelo menos isso acontece no português, o que explicaria por que não há construções de duplo objeto nesta língua.

- (1) Os verbos realmente proibidos nas nominalizações em *-ada* são os de estado (incluindo os de estado psicológico com sujeito experienciador) e os de criação. Os primeiros porque a semântica de suas raízes é incompatível com verbalizadores introdutores de atividade/evento, que fazem parte das formas aqui estudadas; os segundos porque, nas CVLs onde as nominalizações com esses verbos ocorreriam, a existência dos objetos que seriam criados é pressuposta, por estes serem um “lugar” onde se dá o evento (ver seção 4).
- (2) A estrutura morfossintática das nominalizações em *-ada* é dada por (26) na seção 4.3.1, e suas peças contribuem composicionalmente para o seu significado final.
- (3) O DP no sintagma preposicional é, na verdade, um lugar onde a atividade associada a nominalização se realiza. Portanto, não é complemento da nominalização nem do verbo interno a esta, mas sim da preposição locativa presente na CVL.
- (4) Em todas as situações estudadas o verbo *dar* tem uma interpretação de evento ou atividade causadora.

Uma pergunta que pode ter ocorrido aos leitores deste artigo é: seriam as nominalizações em *-ada* formas nominais *de processo* ou *de resultado*, segundo a classificação de Grimshaw (1990)? À primeira vista, seriam nominais de processo, pelo simples fato de haver nelas, sempre, segundo a análise desenvolvida acima, um *v* introdutor de atividade/evento. A presença desse *v* é indiscutível, assumindo-se a arquitetura da Morfologia Distribuída, pois em casos como *emagrecida* e *dedetizada* temos as marcas morfológicas de tais verbalizadores: *-ec(er)* e *-iz(ar)*. O problema é que, se são nominais de processo, como podem ocorrer, dentro da CVL, com determinantes indefinidos (*uma*) ou numerais (*duas marteladas, três mexidas*, etc.)? Segundo os critérios de Grimshaw (1990), formas nominais que coocorrem com tais determinantes e numerais são contáveis, e, portanto, nominais de resultado.

Heidi Harley em artigo recente (HARLEY, 2006) faz a seguinte pergunta, relacionada ao impasse levantado no parágrafo anterior: como explicar, dentro de uma teoria realizacional como a Morfologia Distribuída, o fato de haver morfologia verbal em formas nominais que, segundo os critérios de Grimshaw, são nominais de resultado?

Segundo Harley (2006), alguns dos critérios que caracterizam nominais de resultado, como o fato de eles não aceitarem complementos, se devem não ao fato de os mesmos não denotarem processos, mas ao seguinte: em nominais de resultado, um *packager* está presente, estabelecendo uma limitação temporal para a eventualidade. A presença de um complemento que

sirva de medida ao evento denotado pelo verbo interno é incompatível com o *packager* porque teríamos duas medidas em conflito para a eventualidade: uma estabelecida pelo *packager* e outra estabelecida pelo complemento.

Como já foi observado aqui, na CVL as nominalizações em *-ada* coocorrem com determinantes indefinidos ou numerais. Mais: na CVL a coocorrência das mesmas com o determinante definido não é permitida, como mostram os exemplos abaixo:

(43) João deu uma lavada na roupa.

(44) *João deu a lavada na roupa.

Ora, se a presença do verbalizador não necessariamente força uma leitura de processo no nominal, as nominalizações em *-ada* seriam o que Grimshaw (1990) caracterizou como nominais de resultado *sempre que ocorrem nas CVLs*, uma vez que os determinantes indefinidos são obrigatórios aqui.

Se o raciocínio de Harley (2006) está no caminho certo, na CVL haverá um morfema que funciona como um *packager* (o determinante indefinido?) e que fará com que as formas nominais em *-ada* sejam interpretadas como nominais de resultado; o que reforça a ideia de que o complemento da preposição *em* não é complemento da nominalização ou do seu verbo de base, pois os eventos que eles denotam já estão “medidos” por outra coisa.

RESUMO

O presente trabalho se propõe a analisar as nominalizações em *-ada* do Português do Brasil dentro da arquitetura gramatical da Morfologia Distribuída. A análise nos leva às seguintes conclusões: (a) as nominalizações em *-ada* derivadas de verbo que ocorrem nas construções com verbo leve dar (CVL) não são formadas por anexação de um sufixo *-ada* a uma raiz ou radical verbal, mas são nominalizações de participípios de verbos; (b) a interpretação atélica ou diminutivizada frequentemente associada a tais nominalizações não decorre de sua estrutura morfossintática, mas de sua interação com a CVL em que ocorre.

Palavras-chave: *nominalizações; morfologia distribuída; aspecto e aktionsart.*

ABSTRACT

This paper analyzes Brazilian Portuguese *ada*-nominals in the framework of Distributed Morphology. The analysis leads to the following conclusions: (a) the *ada*-nominals, derived from verbs, which appear in light verb constructions (LVC) with the verb *dar*, are not formed by a simple attachment of a suffix to a verbal base: they are nominalizations of participial forms of verbs; (b) the atelic interpretation which they usually receive does not follow from their morphosyntactic structure, but from their interaction with the LVC in which they typically occur.

Keywords: *nominalizations; distributed morphology; aspect and aktionsart.*

REFERÊNCIAS

- ARAD, M. *Locality constraints on the interpretations of roots: the case of Hebrew denominal verbs*. Disponível em: <<http://web.mit.edu/~marantz/Public/>>. Acesso em: 20/09/2004.
- BASILIO, M. Padrões de Configuração Estrutural de Unidades Lexicais. In: DUARTE, L. (Org.). *Para sempre em mim: homenagem à Professora Angela Vaz Leão*. Belo Horizonte: PUC-MINAS, 1999.
- BASSO, R. *'Dar uma X-ada' e predicados incrementais: o que podem dizer sobre telicidade*. UNICAMP. Manuscrito não publicado.
- GRIMSHAW, J. *Argument Structure*. Cambridge: MIT Press, 1990.
- HALLE, M.; MARANTZ, A. Distributed Morphology and the Pieces of Inflection. In: HALE, K.; KEYSER, J. S. (Eds.). *The View from Building 20*. Cambridge: MIT Press, 1993. p. 111-176.
- HARLEY, H. The morphology of nominalization and the syntax of vP. In: GIANNAKIDOU, A.; RATHERT, M. (Eds.). *Quantification, Definiteness, and Nominalization*. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- IPPOLITO, M. On the Past Participle Morphology in Italian. In: ARREGI, K.; BRUENING, B.; KRAUSE, C.; LIN, V. (Eds.). *MIT Working Papers in Linguistics*, v. 33. Cambridge: MA, 1999. p. 111-137.
- LEVIN, B.; RAPPAPORT, M. *Unaccusativity: At the Syntax-Lexical Semantics Interface*. Linguistic Inquiry Monograph 26. Cambridge: The MIT Press, 1995.
- LISBOA de LIZ, L. Uma análise aspectual da construção “dar uma X-(a)da”. *ReVEL*, v. 5, n. 8, 2007.
- SAMEK-LODOVICI, V. The internal structure of Arguments. Evidence from complex predicate formation in Italian. *Natural Language and Linguistic Theory*, n. 21, p. 835-881, 2003.
- MARANTZ, A. No escape from syntax: don't try morphological analysis in the privacy of your own lexicon. In: DIMITRIADIS, A.; SIEGEL, L. *et al.* (Eds.). *University of Pennsylvania Working Papers in Linguistics*, vol. 4.2, Proceedings of the 21st Annual Penn Linguistics Colloquium, 1997. p. 201-225.
- _____. *Argument Structure and Morphology: Noun Phrases that Name Events*, Hand-out. New York University, 2006.

MEDEIROS, A. B. *Traços morfossintáticos e subespecificação morfológica na gramática do Português: um estudo das formas participiais*. Tese (Doutorado em Linguística) - Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

PYLKKÄNEN, L. *Introducing Arguments*. Tese (Doutorado em Linguística) – MIT, Cambridge. MIT Press, 2002.

SCHER, A. P. Nominalizações em *-ada* em construções com o verbo leve *dar* em português brasileiro. *Revista Letras de Hoje*, v. 41, n. 1, Porto Alegre, 2006.

_____. *As construções com o verbo leve dar e nominalizações em -ada no português do Brasil*. Tese (Doutorado em Linguística) – Setor de Linguística, UNICAMP. Campinas, 2004.

VENDLER, Z. *Linguistics in Philosophy*. Ithaca: Cornell University Press, 1967.

Submetido em 16/04/2010

Aceito em 12/08/2010